ENTRE MUNDOS

Nesta época do ano, em diversas partes do mundo, incluindo contextos tipicamente pagãos, comemora-se ou celebra-se a ligação com os que já partiram, ou a ligação com os Mundos Superiores. Talvez não seja apenas por mero acaso que acontece nesta altura do ano, mas isso será assunto para um outro texto numa outra oportunidade.

Por agora gostaria de me focar na experiência que poderemos obter ao recordarmos aqueles que já partiram, pois somos naturalmente convidados a pensar na morte, na ausência e na fragilidade da existência humana. Os dias de Todos os Santos e de Finados, que poderemos designar simbolicamente por «Dias de Entre Mundos», levam-nos a olhar para além da realidade quotidiana e a questionar o verdadeiro significado da vida e da sua continuidade.

Se para muitos, a morte representa o fim de uma existência, a separação definitiva daqueles que amamos e o desaparecimento de tudo aquilo que conhecemos, para nós estudantes da Filosofia Rosacruz, a morte não constitui um fim absoluto, mas apenas uma transição, uma mudança de estado num processo de evolução, pois em essência somos espíritos eternos, muito para além da existência terrena.

Talvez seja precisamente esta compreensão que estes dias nos podem proporcionar: a percepção de que a nossa passagem pela Terra tem um significado mais profundo do que aquele que habitualmente lhe atribuímos.

A Filosofia Rosacruz ensina-nos a olhar para a existência humana como um percurso de aprendizagem e aperfeiçoamento. A vida física representa uma etapa desse percurso, durante a qual somos confrontados com experiências, desafios e oportunidades. Umas vezes através da alegria, outras através da dificuldade e do sofrimento, cada experiência pode contribuir para o desenvolvimento da nossa consciência e para o aperfeiçoamento da nossa natureza espiritual, desde que saibamos retirar dela os ensinamentos necessários

Quando recordamos aqueles que partiram, não devemos limitar-nos à saudade ou à tristeza da ausência. Podemos também recordar os seus exemplos, os ensinamentos que nos transmitiram, os gestos de bondade e as sementes de amor que deixaram na vida dos outros. Mas também podemos recordar aqueles cuja passagem pela Terra deixou marcas de sofrimento, de injustiça e de egoísmo. As suas vidas podem igualmente constituir motivo de reflexão, lembrando-nos das consequências das nossas escolhas e da responsabilidade que temos perante os outros. Afinal, perante a transição que todos teremos de enfrentar, não serão os bens materiais, o poder ou as posições que ocupámos que verdadeiramente definirão o valor da nossa existência, mas aquilo que fizemos de nós próprios e o que deixámos na vida dos outros.

Mas esta reflexão não deverá conduzir-nos apenas ao passado ou à expectativa de um futuro para além da existência terrena. Deverá, sobretudo, despertar em nós uma maior consciência do presente. Afinal, aquilo que verdadeiramente oferecemos ao mundo não desaparece necessariamente com a nossa presença física. Os nossos actos, as nossas palavras e a influência que exercemos continuam, de alguma forma, a fazer parte da vida daqueles com quem nos cruzámos.

Se a vida é uma oportunidade de evolução, estaremos nós a aproveitá-la devidamente? Estamos a dedicar o nosso tempo ao que realmente importa? Estamos a cultivar a compreensão, a tolerância, a fraternidade e o amor, ou continuamos demasiado presos às preocupações materiais, às diferenças e aos conflitos que tantas vezes nos afastam uns dos outros?

Talvez o verdadeiro significado destes «Dias de Entre Mundos» esteja precisamente nesta ligação entre a memória daqueles que partiram e a responsabilidade daqueles que continuam o seu caminho.

Não sabemos tudo sobre os mistérios da vida e da morte, nem precisamos de ter respostas definitivas para todas as nossas interrogações. Mas podemos procurar viver com maior consciência, reconhecendo em cada experiência uma oportunidade de crescimento e em cada ser humano um companheiro de jornada.

Talvez, mais importante do que procurar compreender inteiramente os mistérios do mundo para além da existência terrena, seja aprender a viver melhor no mundo em que nos encontramos, fazendo da nossa passagem pela Terra uma verdadeira oportunidade de evolução, de serviço e de amor.

Porque, se a vida é uma caminhada entre diferentes etapas da existência, cabe-nos a nós procurar que cada passo seja dado com mais luz, mais consciência e maior fraternidade.

António Neves
01-11-2026